

Que Negros E Negras São Esses (as) Do Youtube? Pensando a negritude e as formas de identidade a partir das narrativas exemplares

*Who Are Those Blacks From Youtube?
Thinking of blackness and identity's forms from exemplary narratives*

Kywza Joanna Fideles Pereira dos Santos

Doutora e Mestre em Comunicação pelo PPGCOM/UFPE, linha de pesquisa “Estética da Imagem e do Som”. Pesquisadora associada do Instituto de Estudos da África – IEAf/UFPE, professora do Unifavip/WYDEN e UniFBV/WYDEN, desenvolvendo pesquisas com o grupo de estudos Memória, Identidade e Cultura (GEMIC/Unifavip).

E-mail: kywzafideles@gmail.com.

Carolina Cavalcanti Falcão

Graduada e Mestre em comunicação pela UFPE e Doutoranda no PGCOR-UFPE.

E-mail: carolinacfalcao@gmail.com.

Submetido em 15/09/2018

Aceito em 12/12/2018

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar a série *YouTube Black Brasil* a partir da temática da essencialização e dessencialização da identidade negra. Para isso, problematizaremos a negritude na centralidade das narrativas exemplares, estas como peças do ordenamento do capitalismo contemporâneo e da “cultura da inspiração”. Faz uma reflexão sobre como o tipo de produto disponibilizado por plataformas como o YouTube cumpre um duplo papel: produzem, circulam e disponibilizam para produção formatos audiovisuais híbridos e ao mesmo tempo também ensejam um discurso em particular, que se orienta para a produção de um “sujeito exemplar”. Analisa-se especificamente o especial *YouTube Black Brasil*, em que vários *digital influencers* (uma das formas de sujeito exemplar) negros se apresentam respondendo à pergunta provocadora: quem eu sou?

PALABRAS-CLAVE: *Identidade; Negritude; Youtube; Cultura da Inspiração.*

ABSTRACT

This work aims to analyze the series *YouTube Black Brasil* from the thematic of the essentialization and de-essentialization of black identity. For this, we will problematize blackness in the centrality of exemplary narratives, these as pieces of the order of contemporary capitalism and the "culture of inspiration." It reflects on how the type of product offered by platforms such as YouTube fulfills a double role: they produce, circulate and make available hybrid audiovisual formats and at the same time also provide a particular discourse that is oriented for the production of an "exemplary subject". Specifically, the special *YouTube Black Brasil* is analyzed, in which several black influencers (one of the exemplary subject forms) present themselves answering the provocative question: who am I?

KEYWORDS: *Identity; Blackness; Youtube; Culture of Inspiration.*

1. Introdução

Em celebração ao mês da Consciência Negra de 2017, o YouTube Brasil realizou a terceira edição do evento *YouTube Black Brasil*, com atividades dentro e fora da plataforma. Uma dessas atividades reuniu *youtubers* negros no Youtube Space Rio, para workshops, palestras e shows. O evento teve o intuito de propor discussões sobre a importância da representatividade negra, como se inspiram e inspiram e o que os motiva na produção de conteúdo. Essas discussões foram levadas à plataforma através de uma série de vídeos com a *hashtag* #*YouTubeBlackBrasil* e o tema "Eu Sou", disponibilizados a partir do dia 20 de novembro desse ano. Jovens *youtubers* são convidados a se sentar diante de uma câmera e responder uma pergunta capciosa: "Quem é você?" ou "Quem eu sou?". As respostas são as mais diversas possíveis, se considerarmos a variedade de perfis: são jovens, mulheres e homens, que se definem como fortes, medrosos, desorganizados, bagunceiros, confusos, observadores, esperançosos, bem-sucedidos etc. Em comum, no entanto, apresentam mais do que a popularidade de seus canais no Youtube: são negros e negras dispostos a falar sobre si mesmos. Ao todo, dez jovens participaram da série de vídeos da plataforma: Luci Gonçalves, Caio Franco, Camila Nunes, Gabi Oliveira, Mari Ribeiro, Ramana Borba, Tia Má, Nátaly Neri, PH Côrtes e Murilo Araújo. Vale salientar que esses *youtubers* já têm uma certa visibilidade na plataforma, considerando o número de *views* e *likes*. Tia Má, por exemplo, já chegou a 1 milhão

de visualizações com alguns vídeos, marcados por trazer discussões sobre realidades negras e racismo.

Desse modo, podemos pensar a cultura da inspiração aqui a partir das experiências desses jovens negros e negras, “enunciadores inspiradores”, relacionando modos de fala e lugares de fala correspondentes. Nesse sentido, há de se deslocar as narrativas inspiradoras negras na busca por referências também inspiradoras que fujam do lugar-comum de práticas e valores institucionalizados, como o racismo, o sexismo, o machismo etc.

A “profunda e ambivalente fascinação do pós-modernismo para com as diferenças sexuais, raciais e sobretudo étnicas” (Hall, 2013) é o ponto de partida para esse trabalho, cuja principal motivação se dá na tentativa de compreender a produção de subjetividades negras no Brasil contemporâneo. Para isso, tomamos como objeto de observação a terceira temporada da série *YouTube Black Brasil*. O objetivo, segundo consta no *teaser* de lançamento, é mostrar grandes criadores negros falando sobre quem são¹. Assim, nos interessa pensar, a partir dos debates que ensejam a essencialização e desessencialização da identidade negra, quais as visibilidades possíveis desses sujeitos e como outros marcadores sociais relevantes (tais como, classe, gênero e sexualidade) são interlocutores atuantes na circulação dessas narrativas. Para tanto, sendo um estudo bibliográfico de cunho qualitativo, lançaremos mão de um recorte teórico-metodológico multidisciplinar, partindo dos diálogos conceituais que norteiam o debate proposto. Buscamos assim, sob o prisma dos estudos culturais, compreender as questões identitárias, seus engendramentos, usos e funções como conteúdo midiático discursivo, no que concerne à identidade racial brasileira e suas especificidades a partir da cultura da inspiração. Nessa perspectiva, buscaremos auxílios teóricos da comunicação para compreendermos as novas configurações da produção, circulação e consumo de produtos midiáticos no capitalismo contemporâneo.

A partir da desconstrução sistemática das normatividades do cotidiano, de forma institucionalizada ou não, o viés simbólico dessas expressões midiáticas é indispensável para pensarmos a nossa sociedade atual. Faz-se necessário problematizar todo arcabouço cultural envolto em transações que põem em jogo a questão da identidade, seja ela cultural, sexual,

¹ *YouTube Black Brasil: ampliando vozes que devem ser ouvidas*. Disponível em: <<https://brasil.googleblog.com/2017/11/youtube-black-brasil-ampliando-vozes.html>>. Acesso em: 01 de jul. de 2018.

política. Dessa maneira, é preciso vislumbrar o contexto hodierno sem escamotear as tensões raciais e/ou identitárias brasileiras.

As questões em torno da “identidade brasileira” sempre estiveram mergulhadas na racialização. Assim, negritude, branquitude e mestiçagem estão dispostas nas fronteiras culturais entre raça e identidade, sendo reconfiguradas no âmbito das disputas simbólicas. É possível observar que as diversas práticas discursivas, orientadas pela cristalização da categoria de raça, têm seus conflitos e negociações em torno de conceitos e noções que ressignificaram-se no cerne das formas cotidianas de produção de narrativas e sentidos de raça, como afirma Hall. Para ele, raça é uma construção/categoria discursiva, um significante deslizante (Hall, 2013).

No mundo do “Atlântico Negro”, o forjamento das identidades no cerne da racialização produz contranarrativas dentro de categorias discursiva de raça, passando a ter um viés de “mobilização política em torno de questões de raça e racismo, ou sobre as estratégias da política e da educação antirracistas” (Hall, 2013). O século XX foi marcado pelas contranarrativas da modernidade nas vozes marginalizadas no mundo do Atlântico Negro (Gilroy, 2001). No processo de desconstrução de teorias e de práticas cotidianas em torno da categoria discursiva “raça”, impõe-se um elo, o da racialização. Este tornou-se o único diálogo possível no constructo identitário através das negociações e disputas no campo político-cultural, dispostas no constante tensionamento das fronteiras culturais em que as identidades estão ligadas ao significante flutuante “raça”.

Dentro de processos ambíguos, críticos e dialógicos, há lugares de fala, alguns legitimados, outros em busca de legitimação. Nesses processos, também há narrativas que se entrecruzam, assim como há as que silenciam, excluem e filtram memórias. O cenário de disseminação de conteúdo na Internet (e, no caso específico analisado, na série proposta pelo Youtube) abre novas possibilidades de diversidade em torno das construções discursivas de raça. A ressignificação da negritude tem a ver também com novos espaços para se pensar a teia das representações.

(...) atitude dos mais jovens por não reduzir sua múltipla, heterogênea e crítica negritude ao que representa a ancestralidade; e, por outro lado, uma fuga de um corpo negro

colonizado sob as marcas de uma subalternidade, ou de uma espécie de vitimização da periferia (...). (GADEA, 2013, p. 95).

A disputa por legitimação discursiva e pelo direito de narrar suas próprias memórias dentro do constructo identitário vai acionar a categoria discursiva de raça sob uma outra perspectiva, a de desconstrução da própria da raça enquanto uma categoria fixa. Um ponto crucial para compreender esses processos de ressignificação é o movimento de essencialização da raça, também utilizado na esfera da autoafirmação. Esse movimento contínuo se redefine quando os corpos negros despertam para sua própria essencialização, buscando significados fragmentados nas identidades transatlânticas. Essa busca e disputa de modos de *pertença* vai se reconfigurar em contextos históricos e culturais diversos.

O signo negro essencializado no contexto da sociedade de consumo, mais especificamente no nicho das indústrias culturais, também será utilizado como via de legitimação das narrativas identitárias, passando por ressignificações dentro dos novos espaços de negritude, forjados no que Carlos Gadea (2013) chamou de “pós-africanidade”. Esses novos espaços de negritude trazem em sua constituição a dessencialização do significante de raça e do signo negro. A negritude vai se reconfigurar nas fronteiras identitárias entre raça, classe e em processos culturais transnacionais e trans-étnicos.

(...) quero defender que raça funciona como uma linguagem. E os significantes se referem a sistemas e conceitos da classificação de uma cultura, as suas práticas de produção de sentido. E essas coisas ganham sentido não por causa do que contêm em suas essências, mas por causa das relações mutáveis de diferença que estabelecem com outros conceitos e ideias num campo de significação. Esse sentido, por ser relacional e não essencial, nunca pode ser fixado definitivamente, mas está sujeito a um processo constante de redefinição e apropriação. Está sujeito a um processo de perda de velhos sentidos, apropriação, acúmulo e contração de novos sentidos; a um processo infundável de constante ressignificação, no propósito de sinalizar coisas diferentes em diferentes culturas, formações históricas e momentos. (Hall, 2013).

Esses novos espaços de negritude refletem as relações mutáveis de diferenças mencionadas por Hall e sua produção de sentido em torno do significante raça, redefinindo-o e o ressignificando. Nesse sentido, essencialização e dessencialização encontram-se no cerne das disputas simbólicas em torno dos constructos identitários e suas representações.

2. Dos novos espaços de negritude – quando o meu lugar no mundo é também o meu lugar no Youtube

Levando em consideração a perspectiva das relações mutáveis de diferença para pensar a raça, é importante elaborarmos algumas questões sobre como o tema “Eu sou” orienta para a produção de uma subjetividade negra não essencializada dos personagens. No entanto, é possível afirmarmos também que faz parte das narrativas apresentadas o esforço de construção de um lugar de negritude comum desses mesmos personagens. Explicamos: ao mesmo tempo em que existe um esforço notório por parte da produção da série de apresentar *youtubers* negros que contemplassem uma diversidade sexual, de gênero e de classe, há também um entendimento de que esses mesmos sujeitos apresentem em suas falas a experiência chave de como (ou mesmo quando) se perceberam como negros.

Interessa-nos, portanto, como essa pauta não-essencializada (que se ampara nas particulares histórias de cada um) se encontra com a narrativa da experiência de apresentar-se, constituir-se, ser negro ou negra no mundo e, conseqüentemente, no *Youtube*. Para isso, usaremos como objeto de análise não apenas vídeos específicos da série, mas o que percebemos ser uma complexa relação entre duas linhas narrativas recorrentes, a saber: uma ordem discursiva que se equilibra entre o universal e o particular na ideia de ser negro ou negra (lembrando sempre que a pergunta provocadora da série é “Quem você é?”) e que tem como “fiel da balança” a plataforma do *Youtube*.

No entanto, é importante situarmos esses enunciados dentro do que Casaqui (2017) vai definir como a cultura da inspiração. O autor investiga os modos de narrar a si mesmo que se inserem num “cenário contemporâneo de midiaticização da experiência humana em função de um projeto comunicacional, que envolve a produção, circulação e consumo de narrativas” (Ibid, p. 4). Entendemos, a partir dessa perspectiva, que vídeos como o da série analisada encontram guarida num projeto que tem na experiência humana um valor exemplar. Tal qual Casaqui nos aponta, entendemos que, dentro da cultura da inspiração, os enunciadores funcionam como sistemas especialistas, “pautados pelo objetivo de corresponder aos anseios de uma sociedade ávida por referências, por modelos, por exemplos e histórias ‘inspiradoras’ para seguir adiante na batalha cotidiana” (Ibid, p. 4). Nessa perspectiva, é importante ressaltar como a lógica de

produção de narrativas inspiradoras vai se materializar na própria atividade dos *Youtubers* da série analisada. Entendemos assim que o caráter inspirador dessas narrativas se dá na sofisticada articulação entre ser negro/negra (as experiências “universais” sobre esse dado refletem sempre as questões do racismo, da diferença, do silenciamento, da interdição etc) e empreender também uma trajetória particular (as experiências “particulares” sobre esse dado se dão na chave do empoderamento pela educação, pela transição capilar, pela aceitação etc).

3. Um debate sobre (des)essencialização: ressignificando o que é ser negro e negra no *Youtube*

A ressignificação das identidades racializadas demanda novos contornos no constructo identitário nos países diaspóricos. As práticas discursivas em torno da raça vão funcionar tanto como ferramenta de perpetuação dessas categorias discursivas, quanto no questionamento e desconstrução de certos mitos criados em torno do significante de raça e no signo negro.

Na defesa do argumento de que raça é um significante, um discurso, e na tentativa de entender os segredos do funcionamento de sistemas raciais de classificação na história moderna, Hall lança mão da observação do funcionamento em torno do que ele chamou de “preocupante questão acerca das diferenças (...), o denominador comum absoluto e final dos sistemas raciais de classificação” (Hall, 2013). Ele aponta três modos de apreciação: o realista, o textual e o discursivo. No primeiro predominam as diferenças de tipo fisiológico ou de natureza. O segundo “é a posição chamada muitas vezes de puramente textual ou linguística. Raça é, aqui, um sistema autônomo de referência” (Ibid). E o terceiro, ao qual se filia:

Essa terceira posição é a de que existem diferenças de todo tipo no mundo, e que a diferença é um tipo de existência anômala por aí, uma série randômica de todo tipo de coisa que a gente chama de mundo e não há motivo para negarmos essa realidade ou essa diversidade (...). Apenas quando essas diferenças foram organizadas dentro da linguagem, dentro do discurso, dentro dos sistemas de sentido, é que podemos dizer que as diferenças adquiriram sentido e se tornaram fatores da cultura humana e da regulação de condutas — essa é a natureza do que estou chamando de conceito discursivo de raça. (Ibid)

A inteligibilidade na organização dessas categorizações passa por sistemas preestabelecidos que definem formas e conteúdos condizentes com as regras de dominação e

subalternização. No campo de disputas simbólicas, os modos de *pertença* vão se orientar pelo lugar-comum compartilhado e/ou individualizado para ressignificá-lo em suas condições históricas. Em meio a essas disputas, fica evidente como os personagens da série situam a criação de seus canais como uma espécie de marco na ressignificação de suas trajetórias. Há uma legitimação de seus canais no Youtube como espaços de expressão de uma identidade mais complexa, do que eles e elas de fato são e de como o significante negro é importante, mas ainda assim incompleto, para abarcar suas identidades.

Nesse processo, identificamos três estágios narrativos que produzem a resposta para a pergunta inicial do Youtube aos seus personagens. No primeiro, temos a tematização de uma identidade negra essencializada. Trata-se, no caso, dos relatos de experiências com o racismo que os personagens experimentaram ao longo da vida. Vamos nomear esse estágio como “tornar-se negro”. O segundo momento acontece como uma virada, um *turning point* que se materializa na criação dos canais no Youtube. Por fim, no terceiro estágio, a tematização da desessencialização entra em cena e os personagens articulam suas identidades negras às diversas agendas e escopos de atuação que os identificam (movimentos sociais, carreira acadêmica, blogueira de beleza etc). Esse estágio vamos nomear de “torna-ser negro no Youtube”. A resposta que obtivemos na observação desses vídeos nos parece indicar um processo, um modo de fazer, muito mais do que algo propriamente acabado, que parece se interessar mais pelo “*como* eu fiz para ser assim” do que pelo “*quem* eu sou” de fato. A partir disso, pretendemos lançar algumas reflexões sobre as negociações de sentido envolvidas nessa organização discursiva.

4. Sobre tornar-se negro

Para delimitarmos esse momento narrativo, é importante identificarmos o quanto a relação com a branquitude assume um papel importante na constituição da identidade dos *youtubers*. Essa articulação se materializa em enunciados que pontuam, na infância e na adolescência, questões sobre querer ser diferente do que se é (ter o cabelo liso e loiro, nariz e boca menores etc), de não se sentir representada (as paquitas ou a rainha do milho eram sempre meninas brancas, não havia bonecas negras), sobre a solidão (ser preterido/a, não ser

objeto do desejo do outro, não ser escolhido/a), sobre as interdições (do batom vermelho, de frequentar a universidade, etc) e sobre as potências (“eu não sabia que podia sonhar com isso”). Entendemos que a relação com a branquitude se dá porque, até um certo ponto da narrativa, ela vai se apresentar como o lugar (concreto e simbólico) em que esses sujeitos não podem transitar.

Nesse sentido, o entendimento de que se é negro ou negra ocorre a esses sujeitos não apenas por conta das diferenças em função da cor da pele ou de alguns traços físicos (muito embora acionar essas características seja um recurso recorrente no estabelecimento da diferença com a branquitude). As características físicas, apesar de evidentes, não são suficientes sozinhas para compor a identidade negra dos *youtubers*.

São as diferenças simbólicas e como elas se organizam que parecem atuar como catalisadores dessa epifania. Recorremos a Hall (2013) para a compreensão desse processo. Para o autor, não se trata de negar a diferença (ou de uma dificuldade em identificá-la), pois o que produz o racismo são os sentidos que damos a essas diferenças. Para ele, “[...] os sistemas que cotejamos com as diferenças, a forma como organizamos essas diferenças em sistemas de sentido [faz] com que o mundo nos seja inteligível” (Hall, 2013). Nessa relação com a branquitude, o que percebemos, tal qual preconiza Liv Sovik, é uma leitura hierarquizante “na qual a branquitude é valorizada sem se falar nela, a mestiçagem destacada e a negritude silenciada (...). A branquitude se sedimenta no discurso de mestiçagem” (Sovik, 2009, p. 102). Isso fica evidente na lógica de trânsito nos espaços de branquitude, o qual é permitido, até certo ponto, ao mestiço, dependendo da sua tonalidade de pele. Assim, o mestiço encontra-se no “entre lugar”, fundado na dualidade de seu quase pertencimento a dois lugares concretos e simbólicos, e ao mesmo tempo a lugar nenhum, numa espécie de “esquizofrenia do eu” (Bhabha, 1998).

O silenciamento da negritude se dá ainda em outros múltiplos processos de construção da identidade como ferramenta de significação. Como é possível perceber nos discursos dos *youtubers*, esse silenciamento se dá de diversas maneiras, da negação à aceitação, num processo contínuo e violento que é tornar-se negro.

5. Tornar-se negro no Youtube

Iniciamos essa seção compartilhando a premissa de Neusa Santos (1983), para quem o exercício da autonomia é a posse de um discurso sobre si. Entre tantos pontos que a autora apresenta, é importante ressaltar como, no processo de constituir sua identidade, a experiência de pessoas negras em sociedades multirraciais como o Brasil se dava na chave de entender o branco como modelo de identidade. Nessa perspectiva, tornar-se alguém respeitável seria, antes de qualquer coisa, tornar-se branco. Ela explica:

Foi com a disposição básica de ser gente que o negro organizou-se para a ascensão, o que equivale dizer: foi com a principal determinação de assemelhar-se ao branco – ainda que tendo de deixar de ser negro – que o negro buscou, via ascensão social, tornar-se gente (SOUZA, 1983, p. 21).

Podemos entender, na perspectiva proposta por Souza (1983), que, no imaginário, a narrativa de ascensão social de pessoas negras tende a se apresentar como a história de como ela “tornou-se branca”. A análise do *corpus* desse trabalho nos parece apontar, no entanto, para outros espaços de sentido, em que a afirmação de uma identidade negra se dá na tentativa de se afirmar como autônoma e, sobretudo, independente da branquitude. É o caso do argumento de Gabi Oliveira, para quem a normalidade das vidas negras no Youtube é “um ato revolucionário”. Ao apresentarem narrativas inspiradoras (mas que não visam necessariamente emular uma ideia de tornar-se branco), os *youtubers* convidados da série encampam o significante raça de uma forma distinta, mas sem deixar de considerar a identificação de raça como uma ferramenta de poder. Mais do que aceitação de suas diferenças, o que esses sujeitos demonstram é um entendimento político sobre suas condições. Eles se afirmam “mais negros do que nunca” (Caio Franco), ou apresentam referências culturais e intelectuais negras como Martin Luther King, Nina Simone ou suas mães e avós negras.

O *Youtube* e outras mídias digitais têm se tornado cada vez mais um espaço comum de expressões identitárias, com um público jovem com necessidades variadas de se comunicar. Em espaços em que a negritude é acionada, passa a ancorar contranarrativas em torno do significante raça. Nesse espaço, os pertencimentos identitários vão forjando discursos e representações a partir da própria ressignificação da negritude, tendo agora o arcabouço tecnológico como peça fundamental de disseminação e consumo para as contranarrativas das identidades racializadas. É importante ressaltar, no entanto, que apesar de remontar ao Pan-

africanismo do início do século XX, a expressão negritude vai encontrar na ação de Abdias do Nascimento (a partir da década de 1940) a possibilidade de se afirmar prática e conceitualmente. Historicamente, o conceito de negritude, que nasce como movimento literário nos anos 20 e 30, se fará mais presente a partir dos anos de 1960, impulsionado pelo movimento dos direitos civis norte-americanos e pela descolonização da África. É preciso lembrar, entretanto, do protagonismo da Frente Negra Brasileira, nascida em 1930, que também já comungava com os ideais da negritude. Atualmente, o termo negritude é bastante utilizado em diversas esferas da sociedade brasileira. O termo se reconfigurou, e seus usos e sentidos passaram a compor contextos complexos de identificação.

Os contornos da negritude enquanto conceito e prática política se deram numa crise de identidade na diáspora negra, e os movimentos inspirados em seu ideal intrínseco de orgulho negro têm sua influência nas sociedades culturalmente heterogêneas, mas que ainda conservam traços de uma história de segregação racial. Entretanto, “as ‘marcas’ da negritude já não são simples marcações identitárias, mas sim espaços a serem ‘(des)colonizados’; trincheiras plurais” (Gadea, 2013, p. 21). No entanto, as variantes situacionais como classe, sexo, idade, grau de escolaridade etc. outorgam graus de significados diversos sobre a experiência individual e o “espaço de negritude”, por exemplo.

Na vida urbana, pensa-se nos jovens negros que desenvolvem estratégias e experiências de “distanciamento” de um *espaço de negritude* que, de maneira hierárquica, estabeleceu uma ordem específica de uma experiência negra sob os destinos de uma suposta *africanidade* ou “pertença comunitária”. A experiência de “dualidade de contextos” aludida entra em cena para, justamente, manifestar que já não há mais uma necessária correspondência entre o “grupo de pertença” e o grupo de referência, ou seja, entre o *espaço de negritude* e a referência à *africanidade* como uma narrativa constitutiva. (Ibid, p. 105). Dessa maneira, Gadea chama atenção para um paradoxo:

Quanto mais a nossa sociedade parece protagonizar um crescente processo de racialização, mais, no cotidiano, assiste-se a uma crescente “prática da indiferença” perante as opções “raciais” apresentadas tal qual dicotomias (negro-branco) para a identificação pessoal (Ibid, p.124).

As práticas discriminatórias não permanecem inalteradas e o racismo não desaparece, como o autor afirma, mas sim as âncoras e os cenários que os tornam possíveis, a partir de componentes surgidos de uma “politização de diferenciação racial”. É evidente que, na seara atual, o “espaço de negritude” ganha dimensões complexas no sentido de compartilhamento de *pertença*, e que não mais tem o passado e sua noção de uma identidade cultural vinculada, obrigatoriamente, a uma África mitológica como um espaço único possível.

De fato, a reflexão da negritude como o acionamento de uma *pertença* comum à África mitológica não é uma prática discursiva presente nas narrativas dos *youtubers*. A afirmação da negritude assume contornos mais complexos, sem uma vinculação histórica direta, imbricados em questões da ordem cotidiana, das aspirações e das conquistas desses sujeitos. A normalidade das vidas negras é acionada com a estratégia de recorrer a marcos autobiográficos importantes que os próprios *youtubers* apresentam em seus vídeos: uma viagem para Paris, a formatura na faculdade, a infância “criada como uma princesinha”, as interações familiares e com amigos. De todos esses marcos, um é recorrente: o alcance e sucesso de seus canais no Youtube. Todos os *youtubers* convidados administram canais com mais de 100 mil inscritos, métrica importante para a qualificação e monetização na plataforma. Em última instância, o lugar de fala desses sujeitos é garantido também por um arranjo comercial (quanto mais audiência, mais rentável) que viabiliza seus projetos.

6. A virada da narrativa: um lugar para eu falar de mim

Com a construção e aceitação da identidade, todos os *youtubers* convidados para a série argumentam como os canais na plataforma de vídeo foram importantes para a consolidação e elaboração desse descobrir-se negro ou negra. Os objetivos pessoais que cada um dos *youtubers* apresentam em seus canais nos mostram como essa plataforma aponta para uma estratégia de hibridização entre conhecimento, consumo, entretenimento e ação política. Para compreendermos o *turning point* dessa história, convém pensarmos como o ordenamento *narrowcasting* do Youtube representa uma mudança importante no paradigma da produção e compartilhamento de conteúdo audiovisual. A lógica da cultura da participação (Jenkins, 2008) revela como, mais do que um arranjo meramente tecnológico, é preciso haver uma

disponibilidade para os sujeitos compartilharem. A produção sob demanda, orientada para grupos específicos e não audiências massivas, é uma forma eficiente de fazer circular conteúdos dos mais variados interesses.

Retomando o nosso corpus, é relevante notar como as motivações para a criação de um canal envolvem desde questões específicas, como um trabalho de conclusão de curso, até a necessidade de compartilhar histórias, de mostrar-se como realmente se é. Entendemos, portanto, que os canais desses influenciadores podem ser acessados como espaços de observação do lugar de fala de jovens negras e negros. Para isso, compartilhamos com Djamila Ribeiro (2015) sua definição do termo como o espaço que vai revelar as contingências e desafiar narrativas racializadas e normalizadas, sem, no entanto, negar as idiosincrasias de cada história de vida. Nesse sentido, Caio Franco (Fig. 1) elabora sua presença no Youtube a partir do espaço e da liberdade para falar. Ele explica: “A produção direta para o público [caso do Youtube] é mais livre, mas à medida que cresce esse público, é preciso mais responsabilidade”.

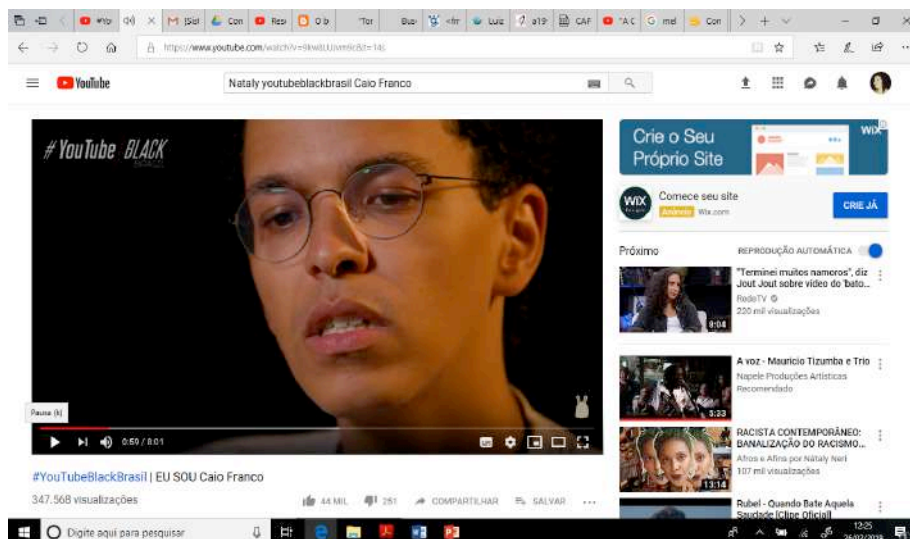


Figura 1: Caio Franco. Fonte: youtube.com

A motivação do canal também está perpassada de uma questão identitária, na busca de espaços de livre expressão, em que seria possível refletir e compartilhar os processos de identificação:

Hoje eu me identifico como negro, como nunca antes na minha história (...). Eu achei super necessário fazer o vídeo porque eu acho que as minhas questões ali eram as de muita gente (...), *óbvio dentro de toda uma questão do que é ser negro no Brasil, tipo, eu sou um negro de pele clara*, a minha história é totalmente diferente da sua, de todo mundo, cada um tem a sua história. Eu preciso entender o processo de olhar para esse passado e de me questionar e de questionar as pessoas do meu passado também em relação a isso (...). (grifo nosso)²

É importante observar, acima, o sentido da branquitude sedimentada na mestiçagem, dentro das ambivalências entre negritude e branquitude. Para todos os participantes, o processo de tornar-se negro se dá a partir de transformações internas, provocada por situações externas, que se dão antes e depois da criação do canal no Youtube.

Seguindo dentro desse mesmo raciocínio, Murilo Araújo (Fig. 2) elabora seu espaço no Youtube como um lugar de onde ele pode lançar “as sementes da transformação”. Nesse sentido, cabem aqui as reflexões do *youtuber*, que argumenta que se descobrir negro foi mais difícil do que se descobrir gay.

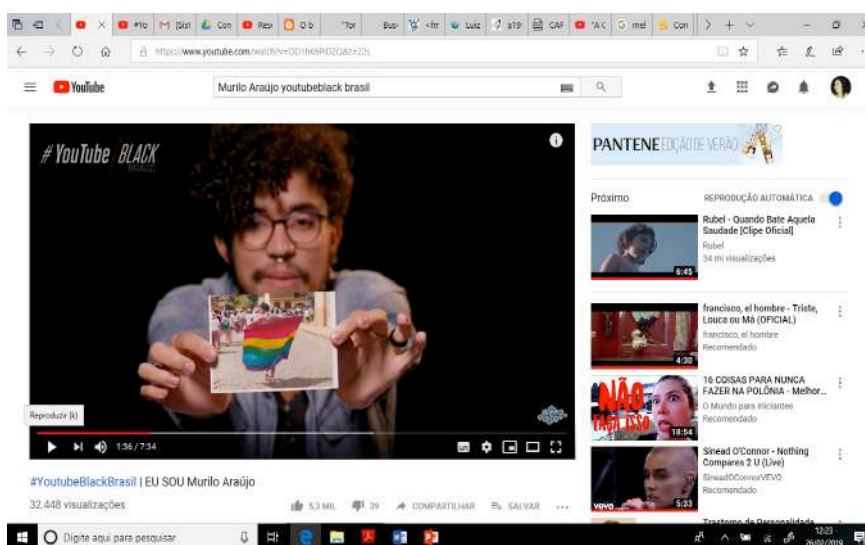


Figura 2: Murilo Araújo. Fonte: youtube.com.br

(...) me descobrir como uma pessoa negra talvez tenha me colocado num desafio um pouco maior, porque quando eu achava que o problema era só comigo tinha um jeito “fácil” de resolver que era me encaixar, né? E aí quando eu descobri que, por mais que

² #YouTubeBlackBrasil| EU SOU Caio Franco. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9kw8LUjvm9c>. (347.671 mil views e 44 mil likes). Acesso em: 15 de fev. de 2019.

tentasse me encaixar, essas coisas não iam me livrar do fato de ser uma pessoa negra e de *tá* distante do que era esperado, aí eu entendi que o desafio não era pequeno, não era simples, não era só me encaixar, não ia ter encaixe que fosse suficiente, que o desafio era maior, mudar o mundo, mudar a sociedade, dialogar com as pessoas. O Youtube entrou na minha vida quando eu tava no meio desse processo de me descobrir uma pessoa negra.³

Por outro lado, é também relevante os enunciados que mostram como a descoberta de ser negro foi promovida, para alguns *youtubers* como Murilo, a partir da interação com a audiência do canal, pois ele nunca se implicava como negro, usando sempre essa expressão na terceira pessoa. A audiência questionou isso: “por que você usa a expressão ‘pessoas negras’, se você também é negro?”. Todos o reconheciam como negro, mas Murilo afirma que ainda estava num processo de descoberta ali, sendo o canal uma forma de “refletir, trazer e colocar no mundo sua segunda descoberta”.

Os momentos de elaboração dessa identidade, na narrativa, abarcam majoritariamente dois tipos de relatos: o de aceitação (do cabelo, da cor, do nariz, etc) e o de apontamentos (dos outros) sobre a negritude (Hall, 2013). A temática da transição capilar apresenta uma importância real não só para as *youtubers* mulheres, como para os homens. É o caso de PH Côrtes⁴ (Fig. 3), que afirmou se achar “muito mais bonito” depois que adotou o penteado *black*.

³ #YouTubeBlackBrasil| EU SOU Murilo Araújo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=OD1hK6PiDZQ&t=318s> (32.451 views, 5,3 mil likes) Acesso em: 15 de fev. 2019.

⁴ #YouTubeBlackBrasil| EU SOU PH Cortês. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wHo5aAY4-fA&t=282s>. (13.777 visualizações 1,8 mil likes). Acesso em 25 de abril de 2019.

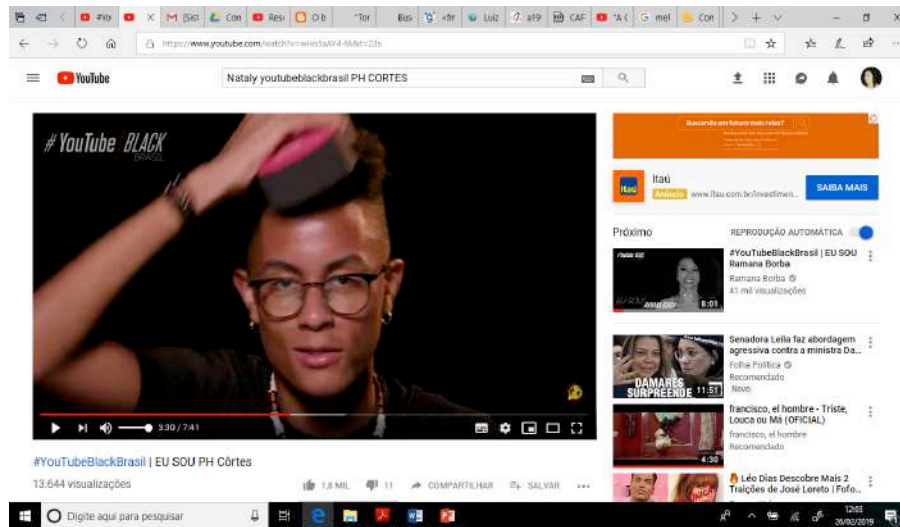


Figura 3: PH Côrtes. Fonte: youtube.com

As inspirações do *youtuber* passam pelas narrativas exemplares de personalidades negras como o ator Lázaro Ramos, o *youtuber* e cineasta Valtinho Rege, a jornalista Glória Maria, a cineasta Renata Martins, o comediante Chris Rock, além de sua mãe Egnalda Côrtes. É importante ressaltar que essas influências e/ou inspirações são destacadas como preponderantes no processo de tornar-se negro.

Já para a *Youtuber* Tia Má⁵ (Fig. 4), o processo de tornar-se negra se deu na infância, marcada por episódios de racismo na escola, quase sempre ligados ao padrão de beleza branco imposto pela sociedade racializada: “E é muito duro porque o racismo tira da gente uma parte da nossa infância, eu lembro de todas as vezes que fui discriminada”⁶.

⁵ #YouTubeBlackBrasil| EU SOU Tia Má. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1qeykTpRQnk> (52.925 views, 10 mil likes). Acesso em: 15 de fev. de 2019.

⁶ #YouTubeBlackBrasil| EU SOU Tia Má. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1qeykTpRQnk&t=67s> (53.794 visualizações 10 mil). Acesso em: 25 de abril de 2019.

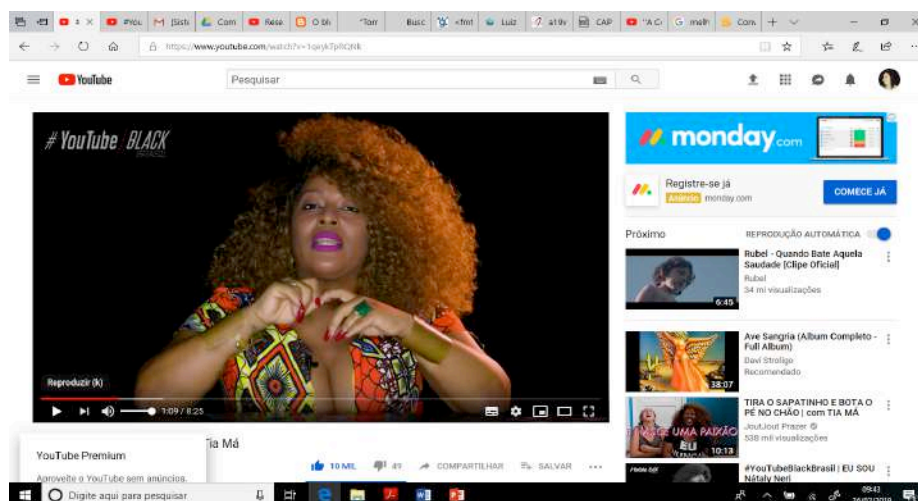


Figura 4: Tia Má. Fonte: youtube.com

Assim, a branquitude opera na produção de sentido marcada pelo significante raça como cooptador de existências. Tia Má, que se define como negra, gorda e nordestina, acredita que “O racismo colabora para que nós, pessoas negras, desconhecamos nossa história e esqueçamos nossos sonhos... E que muitas vezes, deixamos de sonhar. Não permito que o racismo tire de mim minha essência.”

Para Nátaly Neri⁷ (Fig. 5), a transição capilar, por exemplo, começa a partir da sua entrada na universidade e do início de sua militância. O print abaixo flagrou o momento da fala em que a *youtuber* fala sobre as “Nátalys” existentes, antes e depois da transição capilar, no processo de tornar-se negra. A *youtuber* afirma que a Nátaly pós-transição capilar foi a iniciadora do canal.

⁷ #YouTubeBlackBrasil| EU SOU Nátaly Neri. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=V5M8q_g1hyY&t=31s (17 mil likes, 98.884 visualizações). Acesso em: 15 de fev. 2019 e 25 de abril de 2019.

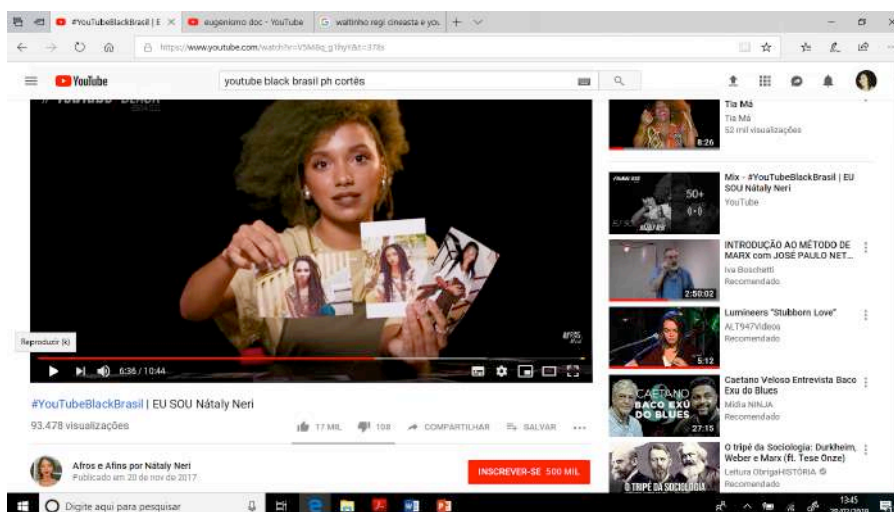


Figura 5: Nátaly Neri. Fonte: youtube.com

Quem eu sou? Quem eu realmente sou? Sou muito mais que um corpo político. Sou muito mais que mulher, negra, jovem e todas as outras coisas que cercam a minha realidade. Dentro de mim existem subjetividades, sonhos, desejos, alegrias, tristezas, manias, esperanças, certezas e incertezas.

O processo de tornar-se negra para as demais *youtubers* participantes (Ramana Rocha⁸, Gabi Oliveira⁹, Luci Gonçalves¹⁰, Camila Nunes¹¹ e Mari Ribeiro¹²) também está marcado no âmbito estético, na branquitude imposta nos ideais de beleza. A maioria aponta a busca de um encaixe em padrões de branquitude (cabelos, nariz, boca etc) por um determinado tempo. Até a descoberta de não precisar corresponder a esses padrões para se sentir “gente”, se sentir aceita, ser e se sentir bonita.

⁸ #YouTubeBlackBrasil | EU SOU Ramana Borba. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Y-sj-UVoGmg>. (72 mil likes, 41.556 visualizações. Acesso em 25 de abril de 2019.

⁹ #YouTubeBlackBrasil| EU SOU Gabi Oliveira. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=7Nb3UFkYlXQ&t=55s>. (40.250 visualizações, 8,2 mil likes). Acesso em 25 de fev. de 2019.

¹⁰ #YouTubeBlackBrasil| EU SOU Luci Gonçalves. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=t30yiSfDdNI>. (24.394 mil visualizações, 3,2 mil likes). Acesso em: 25 de abril de 2019.

¹¹ #YouTubeBlackBrasil| EU SOU Camila Nunes. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=T_ADhD3bv94&t=3s. (35.318 visualizações, 6,4 mil likes). Acesso em 25 de abril de 2019.

¹² #YouTubeBlackBrasil| EU SOU Mari Ribeiro. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9JTxlvsoJA> (10.098 visualizações 1,6 mil). Acesso em 25 de abril de 2019.

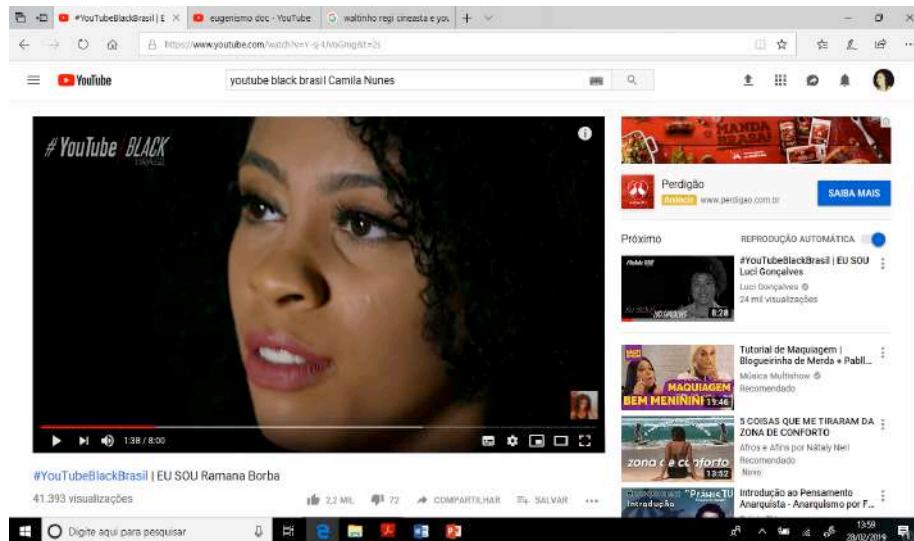


Figura 6: Ramana Rocha. Fonte; youtube.com

Outro ponto ao qual se volta é o silenciamento da negritude através do discurso da mestiçagem. Ramana, que tem apenas 16 anos, começou o canal com 14, e relata que sempre foi chamada de morena ou mulata, nunca de negra, “porque têm pessoas que acham que isso é um modo de ofender, e não sei o porquê disso, e outras porque falam ‘ah, porque você é mais clarinha, você não é negra’”. Outro ponto destacado por ela são as narrativas correntes de inferiorização da população negra na sociedade, num jogo de silenciamento e negação da negritude, narrativas essas institucionalizadas através instrumentos do Estado, como a escola. Os referenciais de representatividade negra para Ramana eram poucos em sua infância. Por isso, inspirar outras jovens negras se tornou parte de seu processo de empoderamento.

Podemos afirmar, então, que esses jovens negros e negras da série definem a criação de seus canais como uma espécie de marco na resignificação e redefinição de suas trajetórias, tendo que forjar novos espaços de negritude através de reconfiguração das narrativas exemplares, pautadas na cultura da inspiração. O constructo identitário desses jovens transita entre essencialização e desessencialização como parte do jogo imposto pela categoria discursiva que é a raça.

7. À guisa de conclusão

Pensar as narrativas exemplares de pessoas negras na Internet é uma tarefa que se situa num arduo campo de disputas entre a essencialização e a desessencialização. Historicamente, percebemos que a busca por uma identidade negra des(essencializada) também possibilita a centralidade de um ordenamento de branquitude, como referência de escalas morais de adequação social baseadas no mérito, por exemplo. Jogar com as armas do “inimigo” pode traduzir o silenciamento de várias faces do racismo. No entanto, a diversificação de produções na Internet parece sugerir que os espaços de sentido para a negritude (sobretudo aquela que se apresenta como jovem e que tem ânsia de falar) contemplam mais referências do que à África mítica ou a aspiração à branquitude.

Nessa seara, os conceitos de branquitude e negritude se convertem em polarizações discursivas dialógicas, nos dando pistas para compreensão das disputas em torno da representação e do pertencimento. Um campo de batalha que merece um olhar mais profundo, atravessado pelas questões de gênero, por exemplo, tentando compreender como silenciamentos são permanências discursivas únicas. Quanto mais latente se torna o silenciamento da diferença, mais difícil é identificar práticas racistas, mais tênue fica a linha entre proposições biológicas insustentáveis e sociabilidades indissociáveis do significante de raça.

Tornar-se (e apresentar-se) negro ou negra no *Youtube* é uma tarefa que, do ponto de vista da discursividade, articula esses dois polos do que há de essencial e contingencial. É o caso de Camila Nunes, a *youtuber* que só queria falar de maquiagem “como as meninas brancas fazem”, mas que se sentiu motivada a montar seu canal quando viu que mulheres negras não podiam usar batom vermelho (no vídeo, ela usa um). Ou de Luci Gonçalves, que usa o seu canal no Youtube para ser quem ela quiser. E complementa: “eu não sou só negra, bissexual e periférica”.

As disputas simbólicas em meio às identidades contemporâneas estão dispostas num cenário de conflitos que se entrelaçam em sua essência e podem ser de cunho social, racial, econômico, ideológico e cultural. A configuração das permanências e ausências identitárias se orienta pelo conflito ao qual está entrelaçado, podendo ainda se tornar um sintoma da dimensão de um determinado conflito. No jogo das identidades, a diferença será o marcador do caráter do discriminatório. Nas sociedades pós-coloniais, o valor racial vai ser o marcador

dessas diferenças. As Áfricas diaspóricas no mundo carregam o peso de uma construção discursiva que se desenvolve nas práticas cotidianas como demarcadores de classe, de território, de identidade. A racialização dessas sociedades seguem regras próprias de acordo com seu contexto específico, ocupando várias frentes de conflito, em novos espaços de negritude.

A partir da circunscrição dessas abordagens midiáticas e discursos de negritude como estratégia e instrumento político é que estão sendo mapeados os caminhos para novas perspectivas através e além da ideia de “raça”. Dessa maneira, pode-se inferir que a constituição e reconfiguração de espaços e discursos de negritude (este em seu caráter essencialmente problematizante e problematizador dos usos e sentidos) traz consigo essas novas perspectivas em torno da resignificação da “raça” em seu caráter desessencializante.

Referências bibliográficas

BASTIDE, Roger. Variations sur la Négritude. In: *Présence africaine*. Paris: (36): 7-17, jan.- mar., 1961.

BHABHA, H. K. O pós-colonial e o pós-moderno: a questão da agência. In: *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998, 239-273.

CASAQUI, Vander. *Abordagem crítica da cultura da inspiração*: produção de narrativas e o ideário da sociedade empreendedora. E-Compós, Brasília, v. 20, n. 2, maio/ago, p. 1-18.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Trad. Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

GADEA, Carlos A. *Negritude e pós-africanidade*: críticas das relações raciais contemporâneas. Porto Alegre: Sulina, 2013.

GILROY, Paul. *Against Race*: Imagining political culture beyond the color line. Harvard University Press, 2001.

_____. *Entre Campos*: nações, cultura e o fascínio da raça. São Paulo: Annablume, 2007.

_____. *O Atlântico Negro*: modernidade e dupla consciência. São Paulo: ed.34, 2001.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio. *Racismo e anti-racismo no Brasil*. São Paulo: FUSP; Ed. 34, 1999.

HALL, Stuart. *Raça, o significante flutuante*. ZCultural, Ano VIII, 02. Trad. Liv Sovik. Disponível em: <<http://revistazcultural.pacc.ufrj.br/raca-o-significante-flutuante%EF%80%AA/>>. Acesso em 05 de maio de 2013.

KELLNER, Douglas. *A cultura da mídia – Estudos culturais: Identidade e política entre o moderno e o pós-moderno*. Bauru-SP: EDUSC, 2001.

MUNANGA, Kabengele. *Negritude: usos e sentidos*. São Paulo: Ática, 1988.

ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira e identidade nacional*. São Paulo: Brasiliense, 2006.

RIBEIRO, Djamilia. *O que é lugar de fala*. Rio de Janeiro: Letramento, 2017.

SALES JR., Ronaldo. Democracia Racial: o dito e o não-dito racista. In: *Tempo Social*, vol 18, nº.2, Nov., 2006. Disponível em: <<http://www.fflch.usp.br/sociologia/temposocial/pdf/vol18n2/v18n2a11.pdf>>. Acesso em 30 jun. 2011.

SANSONE, Livio. *Negritude sem etnicidade: o local e o global nas relações raciais e na produção cultural negra no Brasil*. Salvador: EDUFBA, 2007.

SOUZA, Neusa Santos. *Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão Social*. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1983.

SOVIK, Liv. *Aqui ninguém é branco*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2009.